



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

TENTATIVA DE INSERÇÃO MULHER NEGRA NA SOCIEDADE

Elisângela de Lana Costa (PUC MINAS)

Terezinha Taborda Moreira (PUC MINAS)

RESUMO: Ao longo da literatura, faltava na literatura canônica a promoção da visibilidade política das mulheres, já que a vida delas era mal representada ou simplesmente não representada. Assim, torna-se indispensável mostrar a escrita de duas mulheres com sua visão no que diz respeito aos costumes e às relações de gênero no meio em que vivem. Para isso, serão ressaltados como se estrutura a obra de cada uma e como nela se inscrevem imagens relacionadas ao gênero que fazem parte da vida psíquica dos indivíduos brasileiros e moçambicanos, contribuindo para a rasura da perpetuação de uma escrita e de costumes, preceitos e tradições etnocêntricas hegemônicas. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo comparar como as autoras Conceição Evaristo, brasileira, com a obra **Ponciá Vicêncio** (2003), e Paulina Chiziane, moçambicana, com a obra **O alegre canto da perdiz** (2008), encenam a inserção da mulher negra na sociedade. Será abordado como as duas autoras, em vez de abordar a mulher como objeto, abordam-na como um sujeito ciente de sua identidade e reflexivo em relação à sua história em uma sociedade que a exclui. Será realçado como as personagens Ponciá Vicêncio e Delfina analisam a própria opressão como mulheres negras e seus mecanismos de resistência na sociedade. Servirão como base teórica os autores Pierre Bourdieu; Judith Butler; Eduardo de Assis Duarte; Sandra Sacramento e Gayatri Chakravorty Spivak.

Palavras-chave: Autoria feminina. Mulher negra. Conceição Evaristo. Paulina Chiziane.

Segundo Gayatri Spivak,

No contexto do itinerário do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino subalterno está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66-7).

A mulher, ao longo de boa parte da história da humanidade, foi relegada a uma condição inferior ao homem, que tomava boa parte das decisões políticas na sociedade, enquanto ela ficava restrita ao espaço doméstico, cuidando da casa e dos filhos. Nesse contexto de privações da liberdade, ela sempre encontrou obstáculos para participar ativamente do meio social. É como se ela fosse incapaz de fazê-lo, subjugação construída pela sociedade ao longo do tempo, como afirma Pierre Bourdieu:

O corpo e seus movimentos, matrizes universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e motivado, e assim percebido como quase natural (BOURDIEU, 2002, p. 20).

Em Moçambique, a situação da mulher hoje é um pouco mais complicada do que a do Brasil, já que a mulher além de ainda ser vítima da violência sexual, tem de enfrentar a sensação de impunidade relacionada a esse crime pelo difícil acesso à Justiça. A mulher, nesse país, já está no mercado de trabalho, mas tem poucos direitos na família, sendo vítima de exclusão, violência e preconceito, não conseguindo se firmar como sujeito social independente.

Com a conquista social da mulher, é possível vislumbrar a presença de um eu feminino delineando-se, sendo capaz de ver-se na ideologia e fora desta, em um movimento de construção que une a mulher (abstração cultural) às mulheres em suas várias relações sociais diferenciadas (SACRAMENTO, 2004, p. 99).

É essa atitude de se ver inserida em uma sociedade patriarcal e de ter desejo de subvertê-la que tem, em **O alegre canto da perdiz**, Delfina, personagem que subverte o delineamento das relações amorosas em Moçambique, em que boa parte das mulheres encontra-se desiludida, já que elas são dominadas pelos homens, senhores do lar, em uma tradição patriarcal, na qual a mulher deve ser submissa e até mesmo aceitar humilhação no casamento. A felicidade dela deve se resumir em cuidar da casa, dos filhos e do marido, que geralmente é poligâmico. Gayatri C. Spivak sustenta que a situação de marginalidade do subalterno é mais árdua para o gênero feminino, posto que “a mulher como subalterna não pode falar e, quando tenta fazê-lo, não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15).

Discutindo o problema da representação da mulher, Butler afirma que:

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente

importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada (BUTLER, 2003, p. 24).

Ambas as obras encenam a situação de subalternidade do negro, principalmente da mulher negra, na sociedade, em especial as exclusões, as tentativas de inclusão e suas consequências na vida dessas mulheres, como a dor cotidiana. O principal foco deste estudo é, por isso, analisar o lugar da mulher na cultura e no sistema socioeconômico brasileiro e moçambicano, conforme encenado nas narrativas que são nosso objeto de estudo.

No que se refere ao enredo da obra **Ponciá Vicêncio**, de Conceição Evaristo, narrativa em terceira pessoa, a protagonista, de nome homônimo ao título, vive com o avô, a mãe, o pai e o irmão na propriedade do Coronel Vicêncio, sobrenome dado a todos da família como marca da propriedade desse homem. Continuar ali significa perpetuar a vida de escravidão da família. Após a morte do pai, a protagonista decide, então, ir para a cidade em busca do preenchimento do vazio em relação à sua identidade e de uma vida melhor. O único emprego que encontra é o de doméstica, profissão que não foge ao estereótipo exercido por uma mulher negra, semianalfabeta e recém-chegada à cidade. A zona urbana é outro cenário, mas a miséria contra a qual luta é a mesma. Na cidade, Ponciá Vicêncio começa a namorar, casa-se e sofre violência do marido. Assim, à medida que tenta construir a sua identidade, descobre sua condição de excluída e em fragmentos, característica essa reproduzida na construção da narrativa, cuja perspectiva segue em espiral, em um movimento constante de oscilação entre o passado e o presente. Ponciá procura driblar os conflitos e resistir a eles. Mesmo assim, as adversidades permanecem, como, por exemplo, perder os sete filhos que gerou.

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas, ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos (EVARISTO, 2003, p. 82).

Em relação ao enredo de **O alegre canto da perdiz**, ele também é constituído de forma fragmentada e circular. A história conta a saga de quatro mulheres da mesma família: Serafina, Delfina, Maria das Dores e Maria Jacinta. Ao lado de maridos, filhos, irmãos, elas conformam um agrupamento humano que tenta constituir-se como uma família moçambicana num contexto cuja história coincide com a história da presença da administração colonial em Moçambique, num tempo que se estende do final

do século XIX até a pós-independência moçambicana. O enredo inicia-se com Maria das Dores muito perto de encontrar os filhos, depois regride ao início da história para focalizar Delfina, a mãe de Maria das Dores, como prostituta, esposa de José dos Montes e de Soares; Maria Jacinta, irmã de Maria das Dores; Simba, ex-amante de Delfina e marido de Maria das Dores. Ao final do enredo, as personagens se encontram numa reunião que bem pode ser definida como de pai, mãe, irmãos, filhos e netos, numa atitude que pode ser pensada como de redefinição de seu papel dentro da esfera familiar e, também, da esfera social.

São encenadas, na obra, situações que evidenciam como se processam as relações de gênero em Moçambique; as estruturas que mantêm a ordem patriarcal vigente, como a construção burguesa da família, em que os negros, subjugados e vivendo de migalhas, não se encaixam; e a falta de apoio que as personagens encontram em instituições como a Igreja e o Estado. Dois marcos importantes, nesse sentido, são a venda de meninas virgens para homens mais velhos e a prostituição, além, é claro, da poligamia, todas situações traumáticas para as mulheres. A sociedade demonstra-se muito preconceituosa e cruel nesses casos. As freiras, por exemplo, desprezam Delfina e Maria das Dores por não serem virgens.

Uma característica da autora em **O alegre canto da perdiz** que chama minha atenção é a abordagem das personagens femininas com muita profundidade, ressaltando seus anseios, seu sofrimentos, suas dores e suas ambições, quase sempre em confronto com o masculino, como no caso das personagens Delfina e Maria das Dores. Delfina, por exemplo, na tentativa de construção da própria identidade e de rompimento com aquela vida de migalhas que a sociedade colonial reservou à mulher negra, subverte o destino que segue as mulheres em Moçambique antes da independência do país, mas também depois dela.

A ideia de arranjo familiar que estamos utilizando pretende chamar a atenção para os limites que se impõem para a mulher negra em sua tentativa de constituir a família, seja na sociedade colonial moçambicana ou na sociedade pós-independente, ou no Brasil, após a abolição da escravatura, por ser ela uma instituição burguesa.

Em **Ponciá Vicêncio**, há uma ligação de passado e presente, mostrando que, mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, a essência dela não acabou. No romance, há a fala de um “sujeito étnico, com marcas da exclusão inscritas na pele a percorrer nosso

passado em contraponto comum à história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial”. (DUARTE, 2006, p. 308).

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra nova vida (EVARISTO, 2003, p. 84).

No que se refere à mulher, nesse processo, a subjugação foi dupla, tanto como etnia quanto como gênero. O que restou, muitas vezes, a ela foi trabalhar como doméstica ou como prostituta para sobreviver. Além do mais, na casa dos brancos onde trabalhava, era obrigada a se submeter sexualmente ao patrão ou ao filho dele, iniciando-o nessa vida. Outra forma de subjugação era em casa, sendo obrigada a servir o companheiro, tanto sexualmente quanto nos afazeres domésticos, além de ser vista como inferior a ele, que detinha a posse dela. Com isso, a sua autonomia era impedida em todos os sentidos, além de sofrer violência física e psicológica constantemente, situação encenada em **Ponciá Vicêncio**.

Referindo-se à dominação masculina, Pierre Bourdieu afirma:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2002, p. 18).

Em Chiziane, há claramente o contexto da guerra colonial em que os lusitanos serviam a metrópole no embate contra os nativos que, muitas vezes, para escapar do regime de escravidão, assimilavam-se, aliando-se aos controladores dos nativos para lutar contra o próprio povo. Foi o caso de José dos Montes, que o fez por dois motivos: amar Delfina, figura central da história, que era muito ambiciosa e queria ter vários bens materiais, e não suportar continuar submetendo-se àquele sistema de subjugação. A partir dela, a autora encena as relações de opressão ao longo da história e a não aceitação da mulher negra, já que tenta ser a dona do próprio destino, mas não consegue. Ela sofre

preconceito da sociedade por tentar subverter o que foi reservado a ela. Outra que também é julgada em praça pública é Maria das Dores, que, como símbolo de liberdade, despe-se completamente de suas vestes, comportamento que se distancia e muito do das demais, que, em multidão, julgam-na negativamente após procurar a Mulher do Régulo.

Por seguir a decisão de subversão da esposa, José dos Montes sofre como punição três consequências graves: precisa tentar apagar a sua cultura e matar seu povo, além de ser sabotado pelos brancos, que seduzem sua esposa. Assim, ele acaba entrando em conflito consigo mesmo sobre a sua identidade e perdendo a noção de pertencimento.

Na obra **Ponciá Vicêncio**, Evaristo encena, de forma aprofundada, os costumes de matriz africana, que ocupam toda a obra. Encena as ações da protagonista, que, em uma atitude dispóricas, na luta pela construção da identidade, sai da Vila Vicência, localizada no campo, em busca de inserção na cidade, que, organizada em classes sociais com valores excludentes, não reserva espaço digno a ela. A autora a constrói, em uma atitude centralizadora, tanto que ela movimenta o irmão e a mãe para o meio urbano em busca de seu paradeiro, e esse laço afetivo é forte, contrariando o que a escravidão fez ao longo de séculos: separar os arranjos afetivos tanto em países da África como no Brasil, situações encenadas nas duas obras.

Vale ressaltar também algumas construções narrativas fundamentais para dar ao leitor a noção do lugar ocupado pela personagem Ponciá, como a caracterização da favela onde ela vive na cidade como um espaço cheio de frustrações, seco, sem vida, dominado pelo capitalismo, representado por todos os utensílios de lata usados no barraco da protagonista, em contraposição ao espaço rural da Vila Vicência, cheia de vida e marcado pelo tempo real e mítico, que se bifurcam na narrativa. Essa característica memorialística é também recorrente em **O alegre canto da perdiz**.

É interessante observar também que, tanto em Chiziane quanto em Evaristo, o passado sempre desemboca no presente, através da memória. Além disso, há a onisciência do narrador, que, em discurso indireto livre, revela-nos os pensamentos das personagens, principalmente os de Ponciá que, ao longo da obra, vai se silenciando à medida que seus sonhos não se concretizam. Em Chiziane, há o mesmo tipo de narrador e discurso, revelando-nos os pensamentos das personagens que, muitas vezes, são muito mais longos e impactantes do que as falas, como, por exemplo, no encontro entre Delfina e Maria Jacinta, no dia do casamento da filha, e as reflexões de Ponciá diárias sobre a sua infância e seu cotidiano.

Outro aspecto comum às duas obras refere-se ao fato de a leitura e a escrita serem percebidas como capazes de mudar o quadro de sofrimento em que vive a personagem feminina Maria Jacinta (mulata), mas não a de Ponciá e Maria das Dores (negras e, portanto, fadadas à marginalidade).

No que diz respeito à exclusão pela cor, tanto Paulina quanto Conceição encenam situações que remetem a isso. Enquanto Ponciá não consegue emprego decente na cidade, tendo como fim um barraco na favela, na obra de Chiziane, os filhos negros são discriminados por Delfina, personagem que é vítima, pois tem a virgindade vendida pela própria mãe, mas também vitimiza, pois vende a virgindade de Maria das Dores e discrimina os filhos dentro da própria casa, microcosmo de todo o Moçambique, sustentado em preconceito e hierarquia e, por isso, sempre desintegrado, como pode ser observado nas seguintes passagens da reflexão de Maria das Dores:

Mas tudo começou no dia em que o pai negro partiu para não mais voltar. Tudo começou quando o pai branco amou a sua mãe. Tudo começou quando nasceu a sua irmã mulata. Tudo começou quando a sua mãe vendeu a sua virgindade para melhorar o negócio do pão. Tudo começou com uma relação que envolvia sexo e amargura. Filhos e fuga. Torpor e ausência. Escalada de uma montanha. Soldados brancos na defesa do império de Portugal. Dinheiro e virgindade. Magia. Fortuna. Lembra-se de tudo, da terra e do mundo. Onde a cultura dita normas sobre homens e mulheres. Onde o dinheiro vale mais que a vida. Onde o mulato vale mais que o negro e o branco vale mais que todos eles. Onde a cor e o sexo determinam o estatuto de um ser humano (CHIZIANE, 2008, p. 27).

Referente ao trauma, os dois livros o abordam como consequência frustrada da tentativa de adentrar a sociedade de classes. Em Chiziane, ao final da obra, há uma discussão de todos os acontecimentos ocorridos tanto ao longo da história da colonização e após a independência quanto dos erros e acertos das personagens, além dos motivos pelos quais agiram de tal forma. Quanto mais falam, mais processam seus traumas, desvendando as angústias aos seus e ao leitor. Em Evaristo, Ponciá não fala, mas, quanto mais reflete, mais tem consciência de sua situação em uma sociedade de classe que a exclui e mais processa seus traumas provenientes disso.

As duas autoras trabalham bastante com o simbólico, como o círculo, como o enredo, por exemplo. Isso indica a dificuldade de romper com o ciclo de exclusões proposto por uma sociedade que não inclui a mulher, principalmente a negra.

Considerações finais

Com as construções supracitadas, as autoras trazem para a cena a discussão de gênero em relação às personagens que criam estratégias para seguir regras de instituições que não têm espaço para incluí-las. Algumas dessas estratégias são o silêncio de Ponciá e a assimilação de Delfina. O inconformismo em relação à opressão é a principal marca de Delfina e Ponciá.

Ambas as obras demonstram que não é necessário que os outros digam às mulheres o que são e o que vivem. Elas mesmas podem fazê-lo, mulheres e negras, sujeito outrora silenciado, fazendo agora sua voz ser ouvida.

Essa decisão de escrever, da mulher negra, será uma das alternativas para melhorar a realidade social dela, permitindo a possibilidade de libertação de estereótipos depreciativos construídos socialmente para elas ao longo da história. É através da expressão que haverá enfrentamento das situações que as levam a condições de subalternidade e exclusão, buscando sua emancipação social, econômica e também psicológica. Assim, haverá conscientização cultural e moral e retirada das mulheres negras do conformismo, do complexo de inferioridade, da negação de si próprias e do silenciamento.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Revista estudos feministas**, v. 14, n.1, 2006. p. 305 – 308.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

SACRAMENTO, Sandra. **Nação, identidade e gênero na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.